

Notas sobre o tema da morte e o paradoxo do suicídio em Spinoza

Notes on the issue of death and the paradox of suicide in Spinoza

Alcina Magalhães
Mestranda PPGF-UFRJ

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre como a “Ética” de Spinoza, que é uma sabedoria para a vida, um “viver para a eternidade”, pode ser útil quando se quer compreender o tema da morte e o paradoxo do suicídio.

Palavras chave: Morte; Suicídio; Sabedoria; Liberdade; Spinoza.

Abstract: This paper presents a reflection on how the “Ethics” of Spinoza, which is a wisdom for life, a “live for eternity” attitude, can be useful when one wants to understand the issue of death and the paradox of suicide.

Keywords: Death; Suicide; Wisdom; Liberty; Spinoza.

Résumé: Cet article présente une réflexion sur comment l’«Ethique» chez Spinoza qui est une sagesse pour la vie, un “vivre pour l’éternité”, peut être utile lorsque l’on veut comprendre le sujet de la mort et le paradoxe du suicide.

Mots-clés: Mort; Suicide; Sagesse; Liberté ; Spinoza.

Agir absolutamente por virtude nada mais é, em nós, do que agir, viver, conservar o seu ser (essas três coisas têm o mesmo significado), sob a condução da razão, e isso de acordo com o princípio de buscar o que é útil para si próprio. (SPINOSA, E IV 24)

Não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto. (SPINOSA, E V 4)

Para Spinoza, a sabedoria é uma meditação sobre a vida (E IV 67)¹ e “o mais potente dos afetos”² é aquele que se obtém com o conhecimento. Em outras palavras, o indivíduo deveria ter como objetivo maior desenvolver a potência de seu intelecto e conhecer pelas causas para se tornar sábio e ser feliz.

Quando se é lançado no mundo, vive-se – ou seja, age-se, pensa-se, afeta-se e é-se afetado – em total integração dos atributos extensão e pensamento. Quase todos os acontecimentos da vida afetam conjuntamente o corpo e a mente: um encontro, quando ocorre com um indivíduo, motiva necessariamente uma impressão na sua mente e no seu corpo, simultaneamente. É essa impressão que, quando inadequadamente compreendida, faz o indivíduo sofrer; surgindo, então, a necessidade de conhecer adequadamente, ou seja, conhecer pelas causas, para produzir afetos bons e se libertar dos ruins – cabe então, agora, algumas palavras a respeito desse indivíduo spinozista que se torna livre dos afetos nocivos a si mesmo.

Sobre o homem livre em Spinoza

Pela definição três da parte três da *Ética*, vê-se que Spinoza compreende o afeto como as “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”; assim como pelo corolário da proposição quatro da parte cinco, Spinoza afirma que “o afeto é a ideia de uma afecção do corpo”. Considerando-se o *conceito de afeto como central em seu pensamento* em virtude da “significação original” que lhe foi dada no momento em que o compreende ao mesmo tempo como uma afecção corporal e como uma modificação mental (JAQUET, 2011, p.103), é a partir dele que este percurso dar-se-á para refletir sobre a liberdade no ser que “é consciente de si através das afecções que o determinam a agir” (E III 30 dem.) de certa

¹ Citaremos desta forma as passagens da *Ética* de Spinoza: *E* refere-se ao título (*Ética*); I, II, III, IV ou V referem-se às partes nas quais a obra está dividida. Além disso, utilizaremos as seguintes abreviações: prop. (proposição); dem. (demonstração); esc. (escólio); def. (definição); corol. (corolário); expl. (explicação); pref. (prefácio).

² Trata-se do título do livro “O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche”, André Martins (org.). São Paulo: 2009, Martins Fontes.

forma. Ou, em termos nietzschianos: o homem forte é aquele que o é “porque, *na medida em que e somente enquanto* vincula-se à vida, afirma a existência, cria, impõe seus valores que são valores da expansão, ascendentes, de vontade de vida” (Martins, 2010, 6-7, grifos do autor).

A complexidade do indivíduo humano cujo corpo “se compõe de muitos indivíduos (de natureza diferente), [em que] cada um dos quais é também altamente composto” (E II 13, post. 1), e não só afeta como também é afetado “pelos corpos exteriores de muitas maneiras” (E II 13 post. 3), o torna suscetível a uma série de afetos em suas relações, tais como: o medo, a esperança, o desejo de vingança, a ambição, a inveja e muitos outros. Ou seja, viver consiste em relacionar-se com o outro e ser afetado por esse outro, seja afirmativamente seja negativamente – mesmo que esse outro em muitos momentos seja ele mesmo. Surge, então, a sabedoria spinozana que ensina a ter menos ideias inadequadas porque elas são as causadoras de padecimentos, enquanto as ideias adequadas impelem à ação (E III 1). Deve-se esclarecer que Spinoza compreende a ideia adequada como “uma ideia que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” (E II def. 4). Assim como é o conhecimento que proporciona a aprendizagem que permite distinguir entre ideias adequadas e inadequadas; ou seja, pode-se usar o conhecimento como norma do agir e, por considerar um bem tudo “aquilo que sabemos, com certeza, nos ser útil” (E IV def. 1) e um mal tudo “aquilo que sabemos, com certeza, nos impedir que desfrutemos de algum bem” (E IV def. 2), faz-se necessário lograr separar um do outro. O que afetou mal em algum momento será útil para evitar, no futuro, por ele ser afetado novamente, pois se sabe que até mesmo a lembrança, a imagem, desse afeto torna-o presente como alegria ou tristeza (E III 18). Consequentemente, só resta buscar o conhecimento – inclusive a respeito da morte –, porquanto é compreendendo corretamente – adequadamente – os afetos e a força deles que se tem a possibilidade de aumentar a potência de agir assim como de se libertar dos maus afetos. Isto é, urge abandonar a *servidão* que Spinoza define como a “Impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas

vezes, forçado, ainda que perceba que é o melhor para si, a fazer, entretanto, o pior” (E IV pref.) e o que Spinoza, exatamente, objetiva nessa parte da obra é demonstrar a causa da servidão humana assim como o “que os afetos têm de bom ou de mau” em vista de o indivíduo desconhecer a causa deles. Para ele, “uma única e mesma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo e ainda indiferente” (E IV pref.) e apenas através da compreensão adequada se pode separar um do outro. Conhecer o mundo e os afetos implica aceitá-los e, conseqüentemente, tornar-se potente para transformá-los (MARTINS, 2000: 11-12). Nasce, então, a “arte suprema da aprovação da vida” (EH/EH, GT/NT 4, *apud* MARTINS, 2000: 11)³, em termos nietzschianos, que, em Spinoza, é o mesmo que sabedoria.

Spinoza fornece a seguinte definição de desejo: “o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem” (E III 9 esc.) e ainda no escólio dessa proposição ele aponta o que funciona como grande causa de padecimentos: o ato de *judgar* que algo seja bom para o indivíduo e que faz com que ele se “esforce” por “querer” tal coisa. Mais adiante, na proposição quarenta da parte dois da *Ética* ele assegura que “todas as ideias que, na mente, se seguem de ideias que nela são adequadas, são igualmente adequadas”; daí, dever-se-ia querer ter o máximo possível de ideias adequadas, assim como propende à busca do conhecimento; não teoricamente com o intuito de afirmar a todo momento que se é portador de ideias claras e distintas e sim com o objetivo de se libertar do temor, da superstição e ser conduzido pela razão ou pela ciência intuitiva. Ou melhor, em termos spinozanos, ser conduzido pelo conhecimento de segundo e de terceiro gêneros que são os tipos de conhecimento que ensinam a distinguir o verdadeiro do falso (E II 42) e não pelo primeiro gênero de conhecimento que corresponde à opinião ou à imaginação (E II 40 esc.2), como faz o indivíduo ignorante, “inconsciente de si próprio”, dos outros e do mundo. Conhecimento de tal ordem que resulte em maior número de ideias adequadas, pois quanto maior é o conhecimento adquirido mais se compreende a razão da afecção de que se sofre, não só positivamente como também negativamente; e assim momentos alegres, de afetos positivos podem ser vividos, ocorrendo, então, o afastamento maior possível de tudo aquilo que

³ Abreviatura adotada pela *Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche* e se refere às obras *Ecce Homo* e *O Nascimento da Tragédia*.

resulta em momentos de infelicidade e padecimentos. Não completamente, por ser impossível não padecer, afinal, “padecemos à medida que somos uma parte da natureza, parte que não pode ser concebida por si mesma, sem as demais” (E IV 2). O filósofo é claro ao asseverar que a dor pode ser boa, na medida em que ela “refreie” uma excitação “excessiva” (E IV 43 dem.) que é maléfica quando torna o corpo menos capaz de afetar e ser afetado (E IV 38 dem.); assim como, “à medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre os seus afetos, ou seja, deles padece menos” (E V 6). No apêndice da parte IV da *Ética*, mais se aprende com Spinoza:

A utilidade que extraímos das coisas que nos são exteriores, além da experiência e do conhecimento que adquirimos por observá-las, por mudá-las e por transformá-las, consiste principalmente, na conservação do corpo. E, por essa razão, são úteis, particularmente, aquelas coisas que podem alimentar e nutrir o corpo de maneira tal que todas as suas partes possam fazer corretamente o seu trabalho. Pois quanto mais o corpo é capaz, de variadas maneiras, de ser afetado pelos corpos exteriores e de afetá-los, tanto mais a mente é capaz de pensar. Parece, entretanto, que há muito poucas coisas desse tipo na natureza. Por isso, para nutrir o corpo como se deve, é necessário utilizar muitos alimentos, de naturezas variadas. Pois o corpo humano é composto de muitas partes, de variadas naturezas, que precisam, continuamente, de uma alimentação variada, para que o corpo inteiro seja uniformemente capaz de fazer todas as coisas que podem se seguir de sua natureza e, como consequência, para que a mente também seja uniformemente capaz de conceber muitas coisas (Capítulo 27).

A parte cinco da obra trata da “potência do intelecto” ou “liberdade humana” e, no prefácio, Spinoza aponta a grande verdade: “o sábio é mais potente que o ignorante”. Deve-se esclarecer que o sábio também se afeta passivamente, entretanto, ele se afeta ativamente mais vezes que o ignorante e essa é a diferença entre eles e que o torna mais potente: o sábio spinozista é aquele indivíduo que independe de causas externas a si mesmo para ser feliz. A seguir explica que mostrará, “sobretudo, qual é o grau e a espécie de domínio

que [a mente] tem para refrear e regular os afetos”; já se sabe que não se tem um “domínio absoluto” sobre eles e a única solução que existe para isso é a utilização do remédio adequado: formar um conceito claro e distinto deles porque assim procedendo, o “afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão” (E V 3) além de que quanto mais o conhecermos, mais ele ficará sob o poder do indivíduo e padecerá menos a mente (E V 3 corol.). Não é o que se faz comumente, mas *pode-se* fazê-lo (E V 4). Basta que se dedique à

tarefa de conhecer, tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, para que a mente seja, assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra a máxima satisfação. E para que, enfim, o próprio afeto se desvincule do pensamento da causa exterior e se vincule a pensamentos verdadeiros. Isso fará não apenas com que o amor, o ódio, etc., sejam destruídos, mas também com que os apetites ou os desejos que costumam provir desses afetos não possam ser excessivos. Pois deve-se observar, sobretudo, que é em função de um só e mesmo apetite que se diz que o homem age ou que ele padece. Por exemplo, demonstramos que a natureza humana está constituída de tal maneira que cada um deseja que os outros vivam segundo a inclinação que lhe é própria. E que esse apetite, num homem que não se conduz pela razão, é uma paixão que se chama ambição, a qual não difere muito da soberba; e que, em troca, num homem que vive segundo o ditame da razão, é uma ação ou uma virtude que se chama piedade. E, desta maneira, todos os apetites ou desejos são paixões apenas à medida que provêm de ideias inadequadas, enquanto os mesmos desejos são considerados virtudes quando são suscitados ou gerados por ideias adequadas. Com efeito, todos os desejos que nos determinam a fazer algo podem provir tanto de ideias adequadas quanto de ideias inadequadas. E, por isso, não se pode imaginar nenhum outro remédio que dependa de nosso poder que seja melhor para os afetos do que aquele que consiste no verdadeiro conhecimento deles, pois não existe nenhuma outra potência da mente que não seja a de pensar e de formar ideias adequadas, tal como anteriormente, demonstramos (E V 4 esc.).

Um agravante surge quando um maior número de causas contribui, simultaneamente, para “suscitar” um afeto – que é o que acontece normalmente na vida dos indivíduos – tornando o afeto ainda maior (E V 8), pois se sabe que um afeto é “mau ou nocivo apenas à medida que impede a mente de poder pensar (pelas proposições vinte e seis e vinte e sete da parte quatro)” (E V 9). A compreensão adequada do afeto transforma-o e ele deixa de ser contrário à nossa natureza.

Portanto, o melhor que podemos fazer, enquanto não temos um conhecimento perfeito de nossos afetos, é conceber um princípio correto de viver, ou seja, regras seguras de vida, confiá-las à memória, e aplicá-las continuamente aos casos particulares que, com frequência, se apresentam na vida, para que nossa imaginação seja, assim, profundamente afetada por elas, de maneira que estejam sempre à nossa disposição. Por exemplo, estabelecemos entre as regras de vida, que o ódio deve ser combatido com o amor ou com a generosidade, em vez de ser retribuído com um ódio⁴ recíproco. Entretanto, para que esse preceito da razão esteja sempre à nossa disposição quando deles precisarmos, deve-se pensar e refletir sobre as ofensas costumeiras dos homens, bem como sobre a maneira e a via pelas quais elas podem ser mais efetivamente rebatidas por meio da generosidade (E V 10 esc.).

O conhecimento adequado da morte

Como obter o conhecimento adequado sobre tema tão instigante e interessante como a morte? Ora, nosso filósofo assinala que “da duração de nosso corpo não podemos ter senão um conhecimento extremamente inadequado” (E II 30), ou seja, o tema em questão é obscuro por natureza. Outrossim, como vimos anteriormente que ideias que se seguem de ideias adequadas são também adequadas (E II 40), torna-se então, necessário obter o conhecimento adequado de tudo que é importante em nossa vida, inclusive, a respeito da morte. Que o escólio da proposição trinta e

⁴ “O ódio nunca pode ser bom” (E IV 45).

nove da parte quatro da *Ética* evidencia: “a morte do corpo sobrevém quando suas partes se dispõem de uma maneira tal que adquirem, entre si, outra proporção entre movimento e repouso” – ou, em termos epicurianos, ocorre a “dissolução do aglomerado de átomos que constitui o corpo e a alma”. Por outro lado, sabe-se também que Spinoza assinala que não há nada em que o homem livre pense menos do que na morte (E IV 67), o que deixa o indivíduo estupefato e ao mesmo tempo permite-lhe arriscar a ideia de que, para o filósofo holandês, o homem livre apenas pensa na morte o suficiente. Suficiente para quê? Para ter o conhecimento adequado do tema e fruir a vida, seguir em busca de afetos positivos que levem a ações (E III def. 3 expl.), pois um corpo são é capaz de fazer muitas coisas (E IV 39), tais como as que levam ao *conatus* de perseverar em seu ser – o termo “conatus”⁵ significa em nosso autor o esforço que cada coisa faz para “perseverar em seu ser” (E III 6) – *vontade de vida* que faz com que se fique intrigado quando se recebe a notícia do suicídio de alguém. Quanto mais coisas úteis e boas o indivíduo faz mais se esforça por conservar seu ser e se torna virtuoso (E IV 20), ou seja, busca diretamente o bem e indiretamente se afasta do mal (E IV 63 corol.), das ideias inadequadas que sugam seu prazer de viver.

Ao dizer que, para o filósofo, poucas reflexões sobre o tema da morte são necessárias para a obtenção do conhecimento adequado a seu respeito, significa dizer que tais reflexões correspondem a um mínimo de pensamento no assunto para que a mente possa se ocupar com o conhecimento que a afete positivamente e não negativamente como pensamentos de tal ordem. Não se pode esquecer o fato de que pensar na morte é um mal, pois afeta o ente negativamente ao predispor-lo à tristeza⁶; e de posse dessa aprendizagem, deve-se evitar pensar no tema em demasia. E não agir como o ignorante que evita pensar na morte, por temor a ela, com a vã esperança de que o não pensar afastará não só o medo como também o próprio acontecimento. Ledo engano. Afinal, nascer implica morrer em algum momento e um mínimo de reflexão a esse respeito é indispensável para reduzir o temor à morte (E V 38): coisa que o ignorante não sabe.

⁵ Marilena Chauí utiliza como sinônimo o termo “potência natural de autoconservação” (1995, 63).

⁶ Em E IV 41, Spinoza assinala que a tristeza é sempre má para o indivíduo.

Quanto mais a mente se determina a querer o que lhe é útil mais essa vontade a determina a querer isto ou aquilo que lhe é útil (E II 49) tornando-a inteiramente tranquila e voltada a ações que o amor e a generosidade aconselham (E II 49 observação 1) em relação a tudo que concerne ao ser, inclusive a viver com mais alegrias e afetos ativos. Retornando à ideia de que o homem livre pensa pouco na morte, a proposição treze da parte três ajuda a entender uma das razões do fato. Ela diz que “quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quando pode, por se recordar de coisas que excluam a existência das primeiras”. Ora, a morte é uma dessas imagens que afetam negativamente e deve-se, assim, se esforçar por recordar de coisas que excluam tais imagens; deve-se evitar imaginar todas as coisas que diminuem ou refreiem a potência, seja do corpo seja da mente (E III 13, corol). Pelo postulado um da parte três da *Ética*, sabe-se que o “corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras”: por uma doença, por tudo aquilo que altere a relação entre movimento e repouso do corpo, por uma lembrança qualquer de algo que afeta ou afetou um dia (E III 18), pela ideia que surge quando se imagina a inexistência – em termos spinozanos: o modo não existente de ser. Pensar na morte afeta negativamente o indivíduo, ele se entristece pelo outro que se foi e por imaginar que o seu dia também chegará – angustia, nas palavras de Heidegger. Pela proposição sessenta e sete da parte quatro, deve-se afastar tudo aquilo que reduz a potência e apenas se fixar em *recordações de* e *pensamentos em* coisas que afetem positivamente. Por outro lado, a proposição cinquenta e quatro da parte três (“A mente esforça-se por imaginar apenas aquilo que põe sua própria potência de agir.”) reforça a ideia de que se deve empenhar em pensar pouco na morte. *Pensar pouco* e não, pensar nunca, como faz o ignorante. E a proposição seguinte mais ainda reafirma essa ideia, pois “quando a mente imagina sua impotência, por isso mesmo, ela se entristece”. Como num círculo vicioso, quanto mais se pensa em ou se imagina coisas que reduzem a energia mais sem potência se torna, e isso até o infinito, enquanto o contrário também ocorre, e quanto mais alguém imagina estar ativo, mais é afetado de alegria (E III 53) e, por outro lado, maior será quanto maior for o grau de perfeição que essas ações exprimem (E III 55 esc.).

Vimos, anteriormente, que na *Ética* quatro, proposição dois, o padecimento ocorre por sermos parte da natureza, o que inclui “os acasos e as necessidades”: as alegrias, o sofrimento, a morte, etc. que fazem parte da natureza. O que leva à concepção de André Martins de vida e morte como autoimplicadas, gerando-se mutuamente (2009, 291). Uma aprendizagem vital que se deve ter é esta: é-se parte da natureza, inclusive em seu aspecto trágico, e disso resultam padecimentos, sendo a morte, em seu caráter de inevitabilidade, um deles. Conhecimento adequado que se adquire e que fortalece o indivíduo.⁷ Deve-se atentar também para o fato de que “a força pela qual o homem persevera no existir é limitada e é superada, infinitamente, pela potência das causas exteriores” (E IV 3); não se vive em uma ilha deserta e as causas exteriores possuem um peso extremamente grande, portanto, uma forma de minimizar seus efeitos é sair em busca de afetos contrários mais fortes que possam “refrear” ou “anular” tais efeitos (E IV 7). Um encontro que faz com que um indivíduo se entristeça, quando compreendido adequadamente, resulta na ação de não se deixar dominar por causas exteriores a si mesmo e sair em busca de outro encontro que faça o movimento oposto e seja causador de grandes alegrias em vez de permitir que elas permaneçam ocultas e se disponham através da imaginação a afetar seu corpo e sua mente.

Pela proposição dez da parte quatro da *Ética*, observa-se também a possibilidade de ser afetado por coisa futura quando se a imagina bem próxima de ocorrer. Sabe-se que a morte ocorrerá, mas não quando; daí, quanto mais se pensa ou se imagina que ela ocorrerá em momento muito próximo, mais se é afetado por esse pensamento ou essa imagem. Mais uma proposição que ajuda a entender o porquê de Spinoza afirmar que o homem livre pensa pouco na morte. Também a proposição onze da parte quatro fornece a mesma ideia em virtude de que pensar na morte como “algo necessário” afeta mais intensamente do que quando nela se pensa como “algo possível ou

⁷ Ou, nas palavras de Nietzsche, em *Além do bem e do mal*: retradução do “homem de volta à natureza” em sua proposta-denúncia de que a modernidade operou uma cisão entre natureza e cultura e de que urge uma “reconciliação do homem com a natureza”, inclusive em seu aspecto fatídico e doloroso em vez das falácias da metafísica e da religião.

contingente”, que pode acontecer agora ou num momento distante. O que leva à observação de que o conhecimento adequado da morte também passa pela ideia de que se deve pensar nela o mínimo possível, como Spinoza afirma na proposição sessenta e sete da parte quatro, pois quanto mais se pensa na morte, mais se é afetado por esse pensamento e se sente como se ela fosse ocorrer neste exato momento, agravando o afeto passivo e reduzindo a potência de vida.

Pela proposição trinta da parte quatro, pode-se inferir o que já se sabe: a morte é má para o indivíduo, por ser contrária à sua natureza que é agir, viver, conservar o seu ser – para Spinoza essas três coisas têm o mesmo significado –, isto é, agir por virtude e buscar o que é útil para si mesmo (E IV 24). Por ser algo mau, pensar na morte causa tristeza – que o filósofo compreende, no escólio da proposição onze da parte três, como sendo uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Não se deve, portanto, pensar na morte, senão o mínimo necessário para a obtenção do conhecimento adequado. A melhor opção é desejar com “base no conhecimento verdadeiro do bem e do mal” e não permitir que o desejo seja extinto ou refreado pelos muitos outros desejos que provêm dos afetos que afligem o ser (E IV 15) porque são eles a causa da tristeza que é um afeto diretamente mau para o indivíduo (E IV 41). Isto é, deve-se buscar apenas o que é útil, ou seja, aquilo que faz com que o indivíduo se esforce em conservar seu ser – o que Spinoza nomeia como virtude, e não o inverso que é a impotência que resulta em descuido com o seu ser, como por exemplo, se alimentar mal, não fazer exercícios físicos, não tratar os problemas de saúde, exacerbar a tristeza (E IV 20) – ações que alteram a relação entre movimento e repouso das partes do corpo e se tornam nocivos ao seu bem-estar (E IV 39).

Para finalizar, é o conhecimento adequado a respeito da morte que reduz o temor a ela (E V 38). Ou seja, “quanto maior é o conhecimento claro e distinto que a mente possui” a respeito da morte, menos a ideia de que se é um ser finito é nociva (E V 38 esc.). Em outras palavras, um corpo capaz de agir, de fazer muitas coisas é possuidor de uma mente “cuja maior parte é eterna”, menos é tomado por afetos maus (E IV 38), por afetos contrários à sua natureza, pois são corpos com mentes que possuem um “grande conhecimento de si mesmas” e da natureza (E V 39 esc.) e que por isso dificilmente

temem a morte. Temor que não é erradicado totalmente e que, apesar disso, permite ao indivíduo viver feliz durante toda a vida com uma mente sã em um corpo são porque sabe que não tem como evitar o encontro com a morte e que este é fundamento da experiência que o ser humano tem de si mesmo.

Resumindo:

1. A importância para a vida que é o conhecimento com o objetivo de distinguir quando uma ideia é adequada ou inadequada;
2. Considerando que não se pode evitar afetar e ser afetado pelo outro, faz-se necessário observar o que afeta positiva e negativamente e, então, escolher ter ideias adequadas e se afastar das inadequadas porque são as primeiras que são úteis e tornam o indivíduo ativo; e
3. A aceitação de que vida e morte caminham juntas como uma sabedoria para a vida ativa e feliz; e que receber a vida de presente implica a inevitabilidade da morte não se sabe quando.

Sobre o suicídio

Uma mente sã em um corpo são afasta as imagens de tudo que possa retirar a sua existência. Spinoza assevera, na proposição quatro da parte três, que “nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior” e o que vamos analisar agora é como o spinozismo pode dar conta de semelhante paradoxo, ou seja, um indivíduo em função de causas externas optar pela não existência e tirar a própria vida.

Sabe-se que um termo importante na filosofia de Spinoza é *conatus* e ele se confunde com a própria potência de existir que constitui o indivíduo, ou seja, o esforço que cada coisa faz, “tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser” (E III 6), não tendo em si “algo por meio do qual possa ser destruíd[o]” (idem, dem.). Por

outro lado, a morte significa uma “mudança da forma do corpo e implica modificação da relação entre movimento e repouso que suas partes mantêm entre si” enquanto está saudável. Para Spinoza, a essência da mente é “a ideia do corpo existente em ato” (E III 10, dem.), ou seja, a ideia do corpo existindo e não como não existente (E III 11, dem.). Daí, todo o esforço que a mente faz para imaginar apenas aquilo que aumenta a sua potência de agir e não a sua impotência, afinal isso a entristece (E III 53 e 54) e reduz a sua energia para viver.

A tríade primitiva dos afetos, o desejo, a alegria e a tristeza, são a base da teoria dos afetos em Spinoza. “O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira” (E III def. dos afetos 1). É o que move o ser e Spinoza entende “pelo nome de desejo todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir” (E III def. dos afetos 1, expl.). O que gera um problema: se o estado atual é de mente má os desejos serão nocivos e, em vez de alegria, que acarreta uma passagem de uma “perfeição menor para uma maior” (E III def. dos afetos 2), o indivíduo será invadido pela tristeza que acarreta uma passagem de uma “perfeição maior para uma menor” (E III def. dos afetos 3), ocasionando uma baixa na potência e a possibilidade do surgimento de ideias que excluam a existência do corpo.

Assinala Spinoza que “causas exteriores ocultas dispõem [a] imaginação [do indivíduo] e afetam seu corpo de tal maneira que este assume uma segunda natureza, contrária à primeira” (E IV 20 esc.); pode-se dizer que, no caso do suicídio, seria essa *segunda natureza* que buscaria o que é melhor para si mesma, enquanto segunda natureza, e não a natureza do próprio indivíduo. Aduzimos razões para concluir que a mente do indivíduo fica tomada de ideias inadequadas que surgem *imaginativamente* levando-o a ter desejos nocivos e cada vez mais ideias da ideia de um corpo não existente, de um corpo morto, ideia que surge como solução, como um *mal menor* em vista de um grande sofrimento imaginário. O que faz com que o indivíduo abrace a morte em vez de agarrar a vida e perseverar cada

vez mais em desejar o que lhe é útil e o que mantém seu ser potente; tornando o suicídio um impulso positivo em vez de negativo e a ação do *conatus* ainda se manifestando.⁸ Há de se observar que um indivíduo com corpo e mente sadios e que tem a oportunidade de fruir cada vez mais a potência de seu ser jamais daria fim à própria vida.

Conclusão

Compartilhamos com André Martins a concepção de vida e morte como autoimplicadas, gerando-se mutuamente (2009, 291) e o pensamento spinozano muito ajuda a refletir obliquamente sobre a vida através do tema da morte e do suicídio.

O indivíduo que vive uma vida ativa gera afetos ativos, teme pouco a morte e quase não pensa nela – menos ainda pensa em suicídio porque ama a vida. É o indivíduo que escolheu o mais potente dos afetos: o conhecimento – que faz com que ele compreenda os afetos humanos que explicam seu comportamento, seus tormentos, o que o faz feliz ou infeliz; ou seja, faz com que ele tenha potência para viver do jeito que quer ou que pode viver, que faz com que ele aproveite a vida em todos os seus aspectos enquanto a tem, e que sabe que, em algum momento, ela vai findar. Não importa quando.

Tal indivíduo tem noção de que existe um árduo caminho (E V 42 esc.) pela frente e que é impossível não se afetar em suas interrelações na vida, mas a opção que fez pelo conhecimento adequado desses afetos e a melhor forma de se deixar afetar resulta em força mental que faz com que a fruição da vida ocorra em todas as suas possibilidades – em toda a sua potência, em termos spinozanos. Apeete-se *de* e *por* coisas que o fortalecem, que reforçam seu *conatus*, e não daquelas que, na realidade, são um mal para ele, como, por exemplo, se alimentar inadequadamente ou se descuidar de sua saúde ou se deixar dominar por causas exteriores e contrárias à sua

⁸ Pode-se ver que a resposta de Nietzsche “à questão filosófica que pergunta por que podemos agir contra nós mesmos?” é análoga à de Spinoza, porém, em outras palavras: tal acontece somente “quando nossos instintos, nossa saúde fisiopsicológica, se encontra debilitada” (André Martins, em conferência proferida no Depto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa em 22/11/2010, *Nietzsche e a tragicidade como 'grande saúde', ou a relatividade do forte e do fraco*).

natureza ou se deixar afetar por ideias imaginárias que podem resultar em sua destruição. Spinoza assevera no final da obra que tal caminho, apesar de árduo, *pode* ser encontrado.

Referências bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. Espinosa: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

JAQUET, Chantal. A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa. (trad. Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva). Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Coleção Filô/Espinosa; 1.

MARTINS, André. *Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos: encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo*. Revista *O que nos faz pensar*, n.14. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2000, pp.183-198.

_____. Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

_____. Nietzsche e a tragicidade como ‘grande saúde’, ou a relatividade do forte e do fraco. Conferência proferida no Depto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa em 22/11/2010.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. (trad. e notas de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica, 2010, 3. ed.

